

Sociedade de Medicina Interna: faltam 500 a 700 especialistas

O presidente da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna estimou hoje que deverão faltar nos hospitais portugueses entre 500 e 700 médicos da especialidade e congratulou-se com a abertura de 132 vagas este ano nesta área.

Faustino Ferreira, que falava em Braga, salientou que «a falta de profissionais obriga os existentes a fazerem horas extraordinárias, já que as 54 a que são obrigados semanalmente não são suficientes para atender todos os doentes».

Disse ainda que a Sociedade concorda com a política que vem sendo seguida de contratação de médicos estrangeiros, nomeadamente espanhóis, mas defende «uma política que os agarre».

«Muitos tiram a especialidade nos hospitais portugueses e regressam de imediato a Espanha», acrescentou.

O clínico falava numa conferência de imprensa convocada para apresentar o 11/0 Congresso Nacional de Medicina Interna, que decorre em Braga de 11 a 14 de Maio, com a presença de mil médicos.

O Congresso, que é presidido pelo médico bracarense Rodrigues Dias, será encerrado pelo ministro da Saúde, Correia de Campos.

A iniciativa desenvolve-se em 100 conferências e 600 comunicações escritas pelos congressistas.

Sobre os temas em debate no Congresso, disse que se prendem com a possível criação da especialidade de Geriatria, com a análise da aplicação do processo de triagem de Manchester (que define as prioridades de atendimento e as separa por cores) em alguns hospitais, com a gestão hospitalar no século XXI e com as infeções hospitalares.

No caso da especialidade de Geriatria - revelou - o Congresso deverá manifestar-se contra, por considerar que ela «não existe autonomamente, dado que um idoso pode contrair as mais diversas patologias», adiantou.

Faustino Ferreira disse que a aplicação da chamada «Triagem de Manchester» nas urgências «nem sempre deu o resultado esperado», que é o de permitir o acesso mais rápido de doentes traumatizados ou com doenças cardio-vasculares.

Salientou que a actual gestão hospitalar, nomeadamente a que deverá ser aplicada nos novos hospitais de parceria público-privada, «tem grandes exigências organizacionais, quer em termos de gestão médica - divisão em grupos de especialidades - quer de gestão financeira».

Sobre as infeções hospitalares, Faustino Ferreira sublinhou que se trata de um problema mundial a ser combatido nas unidades de saúde, devendo envolver também o público, dado que - disse, a título de exemplo - «é um risco levar crianças ou adolescentes para os hospitais».

Diário Digital / Lusa

04-05-2005 19:16:00

Profiles:

Saúde